

arquivo



administração

PUBLICAÇÃO OFICIAL  
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

V.15-23, JANEIRO/DEZEMBRO 1994

Associação dos Arquivistas Brasileiros  
AAB  
Diretoria 1993-1995

Presidente

Lia Temporal Malcher

Vice-presidente

Eliana Resende Furtado de Mendonça

1ª Secretária

Laura Regina Xavier

2ª Secretária

Rosely Curi Rondinelli

1º Tesoureiro

Sérgio Duayer Hosken

2º Tesoureiro

Ercília Lúcia Medeiros Kropf

CONSELHO DELIBERATIVO

Efetivos

Helena Corrêa Machado (Presidente)

Adelina Maria Alves Novaes e Cruz

Daniela Francescutti Martins

Jerusa Gonçalves de Araújo

Maria Amélia Gomes Leite

Maria de Lourdes Costa e Souza

Marilena Leite Paes

Regina Alves Vieira

Suplentes

Celia Maria Leite Costa

Eliana Balbina F. Sales

Luis Cleber Gac

Maria Hilda Pinto de Araújo

Mariza Bottino

Vitor Manuel Marques da Fonseca

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Elizabeth Cristina de Carvalho

Ila de Souza S. Martins

Marilúcia Ribeiro Pinheiro

Suplentes

José Lázaro de Souza Rosa

Maria Luiza Ferreira Lodi

CONSELHO EDITORIAL

Adelina Maria Alves Novaes e Cruz

Ana Maria Camargo

Arno Wehling

Clarice Muhlethaler de Souza

Helena Corrêa Machado

José Lázaro de Souza Rosa

Luiz Fernando Cysneiros

Marcus Venício Toledo Ribeiro

Maria Amélia Gomes Leite

Maria Odila Kahl Fonseca

Marilena Leite Paes

Rosely Curi Rondinelli

EDIÇÃO E IMPRESSÃO

GRAFSOFT Projetos Gráficos e Editoriais Ltda.

Arquivo & Administração / Associação dos Arquivistas Brasileiros.

- Ano 1, n. 0 (1972) - . -

Rio de Janeiro : AAB, 1972 -

v. : 23cm

Anual

Publicação oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros

1. Arquivos - Periódicos. 2. Administração - Periódicos.

I. Associação dos Arquivistas Brasileiros

CDD 025.171

Este periódico está registrado na SCDP-SR/GB do DPF, sob o nº 397/D. 20.493/46

Arq.&Adm.

Rio de Janeiro

v.15-23

p.1-67

1994

Editorial

Com este número (v. 15-23, 1994) dá-se a retomada da revista *Arquivo & Administração*, órgão oficial da Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB) que, por motivos de ordem financeira, teve sua publicação suspensa desde 1986, com grande prejuízo para a demanda de informação especializada por parte da comunidade arquivística.

Graças ao apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do Programa de Apoio a Publicações Científicas, a AAB lança o presente número, atendendo às expectativas dos profissionais da área de informação.

No desenvolvimento de suas metas de ação, a Associação dos Arquivistas Brasileiros encontra-se voltada para o fortalecimento de seu programa de publicações, com o intuito de solidificar os canais de comunicação, não somente com seus associados mas também com instituições e entidades públicas e privadas, em nível nacional e internacional. *O Boletim*, publicação trimestral, tem conseguido manter sua periodicidade desde o segundo trimestre de 1993, contribuindo para a disseminação de informação entre os profissionais de arquivo e de outras áreas afins.

Além de artigos apresentados por colegas brasileiros, o Conselho Editorial achou por bem incluir neste número traduções de artigos elaborados por colegas de outros países e apresentados no XII Congresso Internacional de Arquivos, realizado em Montreal, Canadá, em setembro de 1992, já que a bibliografia existente em língua portuguesa na área arquivística é ainda muito escassa.

Trabalhos e estudos realizados por profissionais das áreas da Arquivologia e ciências afins serão bem-vindos e submetidos ao Conselho Editorial, para análise e posterior publicação, obedecendo os parâmetros da linha editorial estabelecida pela AAB.

E assim, passo a passo, realizando cursos, seminários e congressos, editando o *Boletim* e a revista *Arquivo & Administração*, bem como outras publicações, coordenando as atividades do Fórum dos Arquivistas Lusófonos, no período de 1992-96, acompanhando os estudos e atividades do Comitê de Paleografia e Diplomática e do Comitê de Micrografia e Tecnologias Emergentes, a AAB vem cumprindo seus objetivos, voltados para um futuro alicerçado na superação dos desafios do presente.

Lia Temporal Malcher

Presidente da Associação dos Arquivistas Brasileiros

Presidente do Fórum dos Arquivistas Lusófonos

## ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA ESCRITA GÓTICA

João Euripedes Gualandi Franklin Leal  
Professor livre docente em paleografia  
da Universidade do Rio de Janeiro, Unirio

### Resumo

A escrita gótica tem características próprias e aspectos típicos e dominou a arte de escrever europeia entre os séculos XII e XVI. Durante os séculos XV e XVI desenvolveu variações especiais e decadentes, até sua substituição pela letra humanística.

Para entender a escrita gótica é necessário retornar ao período Romano, ao início da Idade Média, ao período Carolíngio até o aparecimento da escrita gótica no norte da França.

O uso da escrita gótica tornou-se usual em quase toda a Europa mas com variações próprias em diversas regiões. Essas variações também se diversificaram ao longo da história até chegar aos desdobramentos decadentes, que levaram a substituição do gótico pela letra humanística, como uma reação natural do Renascimento à cultura medieval.

### Abstract

The Gothic handwriting has its own characteristics and typical aspects, and have dominated the European handwriting art between the 12th and the 16th Century. During the 15th and the 16th centuries it had developed some particular and decaying variations until its substitution by the Humanistic handwriting.

To understand the Gothic handwriting is necessary return to the Roman period, to the beginning of the Middle Age, to the Carolingian period and to the appearing of the Gothic handwriting in the northeast of France.

The use of the Gothic handwriting became usual in almost all Europe but with some peculiar variations in the several regions. Those variations also have been changing along history up to the decadent unfoldings, which have led to the substitution of the Gothic by the Humanistic handwriting as a natural Renaissance reaction against the medieval culture.

"O demolidor" Voltaire construiu uma frase belíssima para definir a

escrita: "a escrita é a pintura da voz". Esta escrita, que foi divisor de águas na história do homem, possui uma origem no sistema norte-semítico, que no seu ramo cananeu originou o alfabeto dito fenício, que adotado pelos gregos, em torno do século VIII a X a.C, atingiu, através de seu ramo ocidental ou calcídico, a península Itálica, mais propriamente os etruscos, em torno do século VI ou VII a.C. Adotado pelos etruscos, adaptado a sua fonética, este alfabeto foi recebido pelos latinos que, já no século VI a.C., usaram-no inicialmente com 21 letras, sendo depois estendido para 23, com a entrada do Y e do Z, e posteriormente para 25, com o aparecimento das formas gráficas chamadas ramistas do U e do I. O documento Fíbula de Preneste, do início do século VI a.C.; com sua escrita comprova esta progressão do alfabeto e das formas das letras gregas para o romano. Esta escrita romana perdurou por cerca de um milênio e entrou em decomposição junto com o Império Romano, após apresentar sucessivamente as formas de letra chamadas de capital quadrada, ou elegante, e de capital rústica, além da posterior capital cursiva, que originou uma minúscula primitiva no século III d.C. Nesta sequência de letras romanas surgiu um último modelo de letra que foi denominado uncial, juntamente com sua paralela semi/uncial, findando assim a escrita junto com o Império.

FELIX PESTIDE VOTA

ET PICTVM

CAPITAL ROMANA QUADRADA

VATINI AED' O' NCR' ISSVS  
DIGNVS EST M' EERR

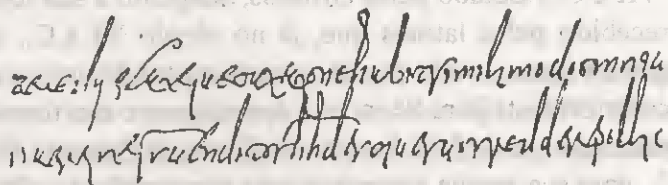
CAPITAL ROMANA RÚSTICA

ABCDEFGHI

ESCRITA UNCIAL

# TUBAETUOCEM NAETCONCRECA

ESCRITA SEMI-UNCIAL

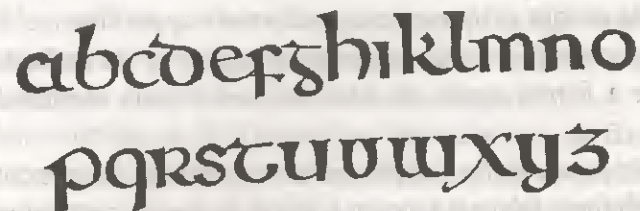


CURSIVA MINÚSCULA ROMANA

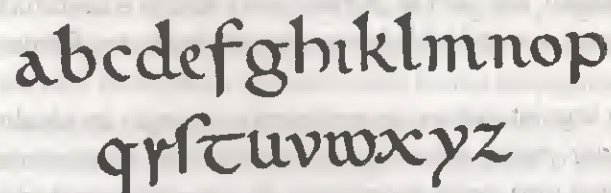
Entretanto, com as invasões bárbaras, com a desagregação cultural, artística e econômica da Europa nos séculos V e VI e a decadência romana, houve uma reformulação particularizada da escrita, que, com o devido respeito ao pai da paleografia Jean Mabillon, ao afirmar o aparecimento de "escritas nacionais" como escritas advindas dos bárbaros, contrapomos com o estudo de Scipioni Maffei, que provou a unicidade e a continuidade da escrita européia. Assim como a história não dá saltos, a história da escrita possui uma seqüência lógica e comprovada racionalmente, que, o alfabeto latino, com suas letras romanas, desenvolveu-se em escritas regionalizadas na Europa nas formas visigótica, merovingea, irlandesa ou insular, curialis, beneventana ou montecassinense, lombárdica, as quais, na altura do século IX, sob Carlos Magno, foram suplantadas pela chamada letra palatina (mais conhecida por carolina ou carolínea), que foi adotada como letra de seu império, tendo como exemplo a produção librária do mosteiro de São Martinho, na cidade de Tour. Essa produção teve como principal articulador Alcuino de York, que, juntando seu conhecimento de escrita irlandesa - que reconhecidamente vista como exemplo de qualidade, principalmente por seu modelo chamado Book of Kell (tido como a perfeição da escrita medieval, apesar de incompleto) - e unindo a forma da escrita semi-uncial do final do Império Romano, produziu a bela forma adotada pelo Império Carolíneo, que necessitava de uma letra de clareza comprovada e de fácil manejo para escrever e para a prática corriqueira da burocracia que iniciava. Esta letra estava ligada à produção dos grandes mosteiros medievais.

É esta letra carolina o fundamento da escrita gótica. Hoje, sem sombra

de dúvida, após os estudos de Jean Mallon e do professor Gianfranco Orlandelli, da Universidade de Bologna, está demonstrado o liame de filiação da escrita gótica à escrita carolina. Desta escrita carolina é essencial seu conhecimento para haver uma real informação do que foi a gótica.



ESCRITA IRLANDESA - BOOK OF KELL



ESCRITA CAROLINA OU CAROLÍNEA

A escrita carolina durou do século IX ao século XII e era uma bela letra minúscula de forma arredondada, com hastes baixas, bem proporcionada, simples como convém ao que procura ser perfeito, regular, apresentando letras independentes e quase sem uso de nexos. Foi a escrita que dominou rapidamente o Ocidente europeu, excetuando, entretanto, a região do Benevento ao sul italiano, que persistiu com sua escrita dita Montecassinense, sem se contagiar pelo modelo originário do governo de Aquisgrana.

Em geral, na Europa ocidental, depois da metade do século XII, surgiu, fruto dos exageros nos ductos da minúscula carolínea e do enrijecimento dos traços que a compunham, um tipo de escrita que foi posteriormente denominada pelos seus críticos renascentistas de gótica, mas os contemporâneos chamavam de angular ou escolástica. Esta letra foi por três séculos a escrita própria dos códices. Esta foi a escrita própria das grandes universidades européias que se formaram e que adotaram rapidamente sua forma como própria para a composição de seus códices, de suas "pecias", e daí a denominação de escolástica.

Na Itália, rapidamente foi a seguida para o uso litúrgico, apesar de a Cúria Romana ainda persistir, para alguns de seus diplomas, no uso da forma

de escrita dita curialis.

A origem da letra dita gótica está na região norte-oriental da França, na Normandia, na região do Brabante, em torno do início do século XII.

Esta letra fundamentalmente difere da sua antecessora pelo enrijecimento de seu ductos, pela tendencia a ligação de letras entre si, pelo grande número de abreviaturas, pelo contraste entre o traço finíssimo e o traço largo numa mesma letra, pela escrita extremamente uniforme e repetitiva.

Alguns aspectos diferem de região para região, como na Inglaterra e na Alemanha, onde a forma aguda da letra foi muito mais acentuada que em regiões latinas.

O estilo gótico era muito variado, sendo mesmo até um pouco impreciso e complicado, refletindo talvez o aspecto cultural da época, com letras tendendo ao arredondamento em certas partes, mas sempre caminhando para o achatamento e para a angulosidade nas extremidades em forma quebrada ou de fratura.

No século seguinte ao seu aparecimento, ou seja, no século XIII, a letra tendeu a aparecer muito serrada, as abreviaturas aumentaram, as letras cresceram e houve uma certa decadência de seu estilo de ductos. A escrita, que até então era considerada também um elemento decorativo, começou a tomar uma liberdade que a afastou de sua original forma, gerando multiplicidade de estilos.

O gótico atingiu seu máximo desenvolvimento nos séculos XIV e XV, sobrevivendo no século XVI, especialmente em regiões periféricas da Europa, onde chegou a ser usado até o início do século XVII, como por exemplo na Galícia e residualmente ainda em Portugal.

Na França, a minúscula gótica derivou uma escrita escolástica dita *littera parisiensis*, muito pequena e pouco caligráfica, sempre tendendo a uma forma cursiva.

Na Inglaterra houve uma minúscula gótica altamente influenciada pela antiga letra insular e que iniciou o uso de pontos sobre as letras **I** ou **J** como sinal diacrítico e, em contraponto à escrita escolástica parisiense, surgiu o tipo de Oxford, quase análogo ao de Paris.

A escrita gótica sobreviveu ainda mais na tradicionalista Inglaterra e se desenvolveu nos modelos utilizados até ao século XVI e início do XVII, nas formas de Secretary Hand, usada na burocracia governamental, na forma de Court Hand, usada principalmente pelos notários da corte inglesa de posição hierárquica superior.

Na Itália, o gótico, menos anguloso e agudo, sofreu de uma falta de elegância que possuía a escrita antecessora, e o modelo básico foi a chamada *littera bononiensis*, que foi amplamente estudada no século passado por Luigi Schiaparelli e no século atual por Giorgio Cenceti. Esta letra gótica italiana atingiu com sua influência toda a região do Veneto, a Lombardia e até as regiões alpinas, mas no sul foi pequena sua influência após os Montes Apeninos.

Na Alemanha, o gótico encontrou sua principal área de influência, inclusive tornando-se praticamente um símbolo "nacional" e perpetuando-se muito além daquilo que foi razoável no território europeu.

O gótico tornou-se na Alemanha a chamada letra de fratura ou fraktur, usada inclusive pela imprensa até o século XIX e ainda no século XX reavivada no seu uso durante o breve período do nacional-socialismo.

O gótico alemão é tipicamente librário, regular, rígido com muitas ligaduras, com letras pesadas e de enorme agudez. Sua textura elimina quase totalmente a curva e os espaços fechados têm forma hexagonal. Traube foi o maior estudioso da escrita gótica alemã, ou letra fraktur.

No domínio da escrita ibérica, Portugal e Espanha, o gótico penetrou a partir do século XIII, sendo primeiramente na região da Catalunha e em direção a Castela. Portugal e Galícia foram das últimas áreas a sofrer esta transformação e conseqüentemente foram as que por mais tempo usaram esta escrita, independentemente do restante europeu já ter quase abandonado esta forma, que foi substituída pela letra dita humanística.

Na Ibéria, o gótico manteve seu traçado rápido e muito anguloso, com sua tendência de ligar as letras entre si. Na sua forma cursiva, os traços se tornaram longos e muito finos, envolvendo o próprio corpo da letra conforme o caso.

O gótico ibérico permaneceu até o final do século XVI, mas a partir do meado do século XV surgiu sua primeira variante, chamada de letra cortesã, usada principalmente pela chancelaria régia e notários ligados à corte. Seu traçado é mais complicado e as letras tornaram-se mais arredondadas, ligando-se uma às outras.

Ainda no século XV surgiu um outro tipo caligráfico como variação do ductos da gótica que ficou conhecido como letra processual ou processada, que nada mais era que uma degenerescência da letra cortesã. Apesar de seus aspectos semelhantes e de suas abreviaturas quase análogas, ela era mais incorreta, com abundância de enlaces e com uma enorme irregularidade na separação das palavras.



Um dos grandes aspectos gráficos da chamada letra gótica era sua forma em "arco gótico", como o usado na arquitetura de época, enquanto que a carolina usava um traçado que se aproximava do arquitetonicamente chamado arco romano.

Segundo alguns, as iluminuras, copiando os vitrais eclesiásticos, influenciaram o aparecimento deste "arco gótico" nas letras, o que acredito que deva ser mais bem investigado.

É opinião corrente que a escrita gótica nada mais é que o fruto de uma nova realidade que ocorria na Europa, onde o aparecimento de universidades, especialmente as da Bolonha, Paris e Oxford, exigia uma letra mais veloz e rápida que permitisse que as "peças", ou "*pecia*", de estudos fossem reproduzidas com maior velocidade e em maior quantidade para suprir as necessidades escolares. Daí seu nome de letra escolástica, porquanto seus usuários nunca a haviam chamado pelo nome de gótica, que foi dado por seus grandes adversários, os humanistas, num sentido pejorativo e destinado a vinculá-la ao passado "bárbaro medieval" que tanto combatiam.

O célebre Petrarca dizia amar a leitura, mas que fosse em letra antiga, ou, como dizia, *littera antica*, se referindo a manuscritos em carolíngio, pois aquilo produzido pelos medievos em escrita de época era bárbaro, decadente e abominável.

A reação, no século XV, à letra gótica feita pelos humanistas e pelos renascentistas foi constante e resistente a ponto de levar Nicolo Nicolli e Poggio Bracciolini a procurarem uma letra que supunham romana para substituir a pejorativamente chamada gótica. Esta letra eles denominaram *littera antica*, pois julgavam ser de uso do período clássico romano, mas estudos bem posteriores mostraram ser a carolina, típica letra medieval, se bem que originária da semiuncial romana e da insular.

Nicolli e Bracciolini passaram a divulgar esta nova letra, que chamavam de moderna, na segunda década do século XV, e que hoje chamamos humanística, sendo a usual do mundo ocidental e depois adotada pela imprensa.

*oua prona et requirna to gouuernuwa  
de laisser librement passer le fleur or la  
Vommainuere son retournant en france*

ESCRITA HUMANÍSTICA

*pret' ciuiles discordias, peste q̄, ferme ad  
ternitionem consumptos: Romā morbo*

ESCRITA HUMANÍSTICA

*Que l'homme contemple donc la nature en-  
tière dans sa haute & pleine majesté, qu'il*

ESCRITA HUMANÍSTICA